A PSICOLOGIA DOS CONTOS DE FADAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA EDUCAÇÃO

ALESSANDRA BIZACO

RESUMO

A influência dos contos de fadas na aprendizagem infantil é um tema relevante para a compreensão de como a prática educativa pode influenciar a formação e desenvolvimento da criança, em todos os aspectos humanos, especialmente quando considerada a psicologia dos contos. Este trabalho intenciona tal compreensão, analisando a origem dos contos de fadas, proporcionando uma relação da psicologia das histórias com o processo de ensino-aprendizagem, além da importância em observar como o conto de fadas permite que a criança conquiste uma formação integral, por meio das dimensões pedagógicas abordadas pelo professor em sala de aula, cuidando para que ocorra a contextualização no ensino de modo a promover uma aprendizagem significativa para a criança. O estudo remete-se à importância da adoção do lúdico como prática pedagógica, assim como a construção do sujeito por meio da imaginação, proporcionada ao ouvir contos e criar histórias. Sendo assim, o estudo objetivou identificar as contribuições dos contos de fadas para a aprendizagem infantil. A metodologia utilizada para a realização do trabalho foi a pesquisa bibliográfica com revisão de literatura que permitiu a percepção de como os contos de fadas podem auxiliar o processo de aprendizagem infantil.

Palavras-chave: Contos de Fadas; Psicologia dos contos; Educação.

ABSTRACT

The influence of fairy tales on children's learning is a relevant topic for understanding how educational practice can influence the formation and development of children, in all human aspects, especially when considering the psychology of fairy tales. This work intends on such an understanding, analyzing the origin of fairy tales, providing a relationship between the psychology of stories and the teaching-learning process, in addition to the importance of observing how the fairy tale allows the child to gain an integral formation, through of the pedagogical dimensions addressed by the teacher in the classroom, ensuring that contextualization occurs in teaching to promote meaningful learning for the child. The study refers to the importance of adopting the ludic as a pedagogical practice, as well as the construction of the subject through imagination, provided by listening to tales and creating stories. Therefore, the study aimed to identify the contributions of fairy tales to children's learning. The methodology used to carry out the work was bibliographical research with a literature review that allowed the perception of how fairy tales can help the children's learning process.

Keywords: Fairy Tales; Psychology of short stories; Education.

INTRODUÇÃO

O tema abordado intenciona a compreensão de como a literatura infantil pode ser utilizada em sala de aula, focando os contos de fadas devido às contribuições educacionais presentes em tais histórias. A escolha por esta abordagem deve-se a possibilidade de utilizar os contos como recurso didático, independente da situação social ou cultural da criança, desde que sejam trabalhos de maneira consciente pelos docentes, de modo a focar os momentos de aprendizagem, não banalizando seu uso, encontrando sempre histórias adequadas ao conteúdo estudado.

Os contos de fadas encantam crianças e adultos pelo mundo há muitos séculos, exercendo influências na formação infantil e auxiliando no desenvolvimento dos aspectos humanos, devendo ser aproveitado nas escolas não apenas como entretenimento, mas como parte do processo de ensino-aprendizagem (LIMA E ROSA, 2012).

A escola é o espaço que proporciona à criança a descoberta de habilidades desconhecidas, assim como as limitações de modo a trabalhá-las constantemente. O processo de ensino-aprendizagem representa a potencialização das dimensões humanas em todos os aspectos, associando o que precisa ser ensinado à realidade do aluno, promovendo uma aprendizagem significativa (MACIEL, 2010).

Este trabalho tem como objetivo identificar as contribuições dos contos de fadas para a aprendizagem infantil. Como objetivos específicos, estão: identificar a importância dos contos de fadas na infância; ressaltar a psicologia dos contos de fadas na infância; relacionar a psicologia dos contos de fadas à aprendizagem infantil.

A relevância do estudo justifica-se pela necessidade de direcionamento dos contos de fadas para a vida cotidiana escolar permite que a criança seja capaz de imaginar e abstrair informações que a levam ao conhecimento, despertando maneiras criativas de solucionar problemas e conquistar objetivos. Porém, a utilização das histórias deve ser planejada previamente pelo professor que precisa estar motivado para contar histórias, despertando a curiosidade das crianças e possibilitando que o processo seja de qualidade.

Para tanto, a metodologia utilizada para a realização do trabalho foi a pesquisa bibliográfica com revisão de literatura, buscando em livros, artigos e revistas, autores que tratam a temática, contribuindo para a fundamentação deste artigo.

OS CONTOS DE FADAS

Os contos de fada são histórias eternas que ultrapassam as dificuldades sociais das épocas, indestrutíveis devido a uma importante contribuição aos valores apresentados por meio das gerações que acabam descobrindo e redescobrindo os contos, buscando uma relação fantasiosa com a realidade para encantar leitores de todas as idades, culturas e situações econômicas (PEREIRA E HILA, 2007).

Paiva (2008) chama atenção para necessidade de perceber a existência dos contos de fadas que desde os primórdios, com histórias que encantam não apenas as crianças, mas os adultos que acompanham as narrativas.

A sistematização para classificar os contos está baseada na identificação do tipo de enredo e o perfil dos personagens narrados na história. A classificação ainda é mantida em quatro grupos maiores, separados por: contos de animais; facécias ou anedotas; outros - tipos não classificados e contos de fadas propriamente ditos (FERREIRA, 2007).

Dentro desta classificação, os contos de fadas são ainda subdivididos entre: os contos de fadas ou contos de encantamento; contos de fadas legendários ou religiosos; contos de fadas novelísticas e contos de fadas sobre gigante, ogro ou diabo logrado. Os primeiros, contos de fadas ou encantamento, também sofrem divisões entre contos com opositor sobrenatural; contos com cônjuge ou outro parente; conto sobrenatural ou enfeitiçado; tarefa sobrenatural; ajudante sobrenatural; objeto mágico; poder ou conhecimento mágico; contos com outros elementos mágicos (LIMA E ROSA, 2012).

As fadas são seres narrados com maravilhosos, geralmente relacionados à realeza nos contos, além de abordar um mundo místico de gigantes, bruxas, gênios, anões, objetos mágicos e espaços fora do real. As fadas são originárias das histórias americanas e do folclore ocidental, prevalecendo sua presença em situações sobrenaturais, auxiliando os humanos em situações de resolução impossível. Além disso, as fadas conversam com animais e surgem para nortear as tomadas de decisões que envolvem uma problemática social (PAIVA, 2008).

Os personagens e os acontecimentos presentes nos contos de fadas demonstram conflitos internos, indicando a solução para a problemática por meio de ações que implicam na busca por uma humanidade mais elevada e pacífica. Por mais que o homem tente parecer ou agir como um herói, sempre estará em posição inferior a ele devido sua grandeza majestosa, composta por uma força espiritual, contando com a ajuda divina para resolver qualquer situação insatisfatória para a sociedade (LIMA E ROSA, 2012).

Sendo assim, os mitos são narrações realizadas para qualquer pessoa e por qualquer pessoa, independente do ambiente que estiverem inseridos, reduzindo seu significado inicial ao resumo de histórias de entretenimento. As características que relacionam os contos e os mitos permitem explicar a semelhança entre uma estrutura narrativa e outras formas artísticas que foram surgindo ao longo dos anos, como as lendas heroicas. Esta relação possibilita o entendimento do uso dos contos de fadas desde o início do sistema educacional até os dias atuais, presente, principalmente, na Educação Infantil (FERREIRA, 2007).

Os contos de fadas já foram utilizados até como meios terapêuticos pela medicina hindu, acreditando-se que, pela meditação, os contos conduziriam a visualização da natureza do conflito interno, responsável por causar dores e perturbações, apontando, assim, a resolução para tal problema. Os contos de fadas sofreram análises sobre seus reais significados na psicanálise, contribuindo para desvendar manifestos e encobertos da mente consciente, pré-consciente e inconsciente (LIMA E ROSA, 2012).

Os contos de fadas fazem parte da história milenar da humanidade e sua existência é importante para a formação e a aprendizagem, desde a infância, pois a ouvir uma história a criança é convidada a aprimorar sua imaginação, contribuindo de forma significativa para o início da aprendizagem, além de propor que a prática de leitura faça parte da realidade da criança, estendendo à fase adulta, permitindo a construção de um caminho de descobertas infinitas a fim e entender a realidade social, cultural e política de uma época.

A PSICOLOGIA DOS CONTOS DE FADAS

O conto de fadas não pode ser explicado, de modo que às crianças percebam como as histórias são cativantes, a fim de que o encantamento não seja destruído. Quando a criança ouve a história e é conduzida a sua interpretação por meio da imaginação, um convite para que ela se sinta capaz de resolver os problemas que encontrar é realizado, mas se a história perder o encanto e for explicada, a criança torna-se insegura, acreditando que existe apenas uma verdade, além de precisar sempre de algum adulto para auxiliá-la no domínio de problemas (COSTA, 2013).

"As interpretações adultas roubam da

criança a oportunidade de sentir por conta própria, através de repetidas audições acerca da história, em que enfrentou com êxito uma situação difícil" (BETTERLHEIM, 2007, p.37).

De acordo com os estudos da psicologia, a psique humana é constituída de três elementos fundamentais: Id (princípio do prazer), Ego (princípio da realidade) e Superego (princípio moral). Ao nascer, o homem possui apenas a Id; as demais estruturas são adquiridas conforme o indivíduo relaciona-se com o meio que o cerca, pela comunicação, troca de experiências, culturas, conhecimentos, ou seja, a partir da socialização do sujeito (FERREIRA, 2007).

A Id é a fonte da energia humana vital, que sustenta e motiva as ações o homem em busca da satisfação dos desejos e, apesar de não ser uma satisfação concreta, a imaginação permite que não haja uma preocupação com limites entre o tempo e o espaço, podendo ser alcançado por meio de realizações alucinógenas (OLIVEIRA, 2010).

Betterlheim afirma que

Nos contos de fadas existe um ponto extremamente importante que é a existência de fatores internos ao pensamento, muitas vezes ocultos (a Id, o Ego e o Superego) que se incluem aos sonhos dos espectadores dessas histórias. (...) os contos de fadas os protagonistas sempre têm um final feliz, fazendo demonstrações de "solicitações do superego em conflito com uma ação motivada pelo Id e com desejos de autopreservação do Ego", de modo à satisfação dos desejos (BETTERLHEIM, 2007, p.54).

Portanto, toda criança enfrenta, durante a infância, um longo processo de purificação dos desejos provocados pela Id e, pelos símbolos narrados nos contos de fadas, o imaginário auxilia na resolução de conflitos que envolvem o maravilhoso, mas partem de uma situação concreta da realidade, ocorrida em lugares fora do limite e do espaço da criança que ela possa caminhar, explorar e descobrir algo novo.

O próprio "Era uma vez" que inicia a maioria dos clássicos infantis de contos de fadas é eterno à Id, pois os personagens de bruxos, ogros, princesas, animais encantados, entre outros, são símbolos utilizados para representar os sentimentos humanos retraídos (BETTERLHEIM, 2007).

Bezerra (2008) chama atenção para o fato de que não basta a história narrar fadas atrapalhadas, bruxa boas ou gigantes para que seja um conto de fadas, não cabendo o símbolo de dimensão maravilhosa apenas aos nomes ou personalidades dos personagens, mas sendo necessário a leitura de seu contexto para identificar uma história como um conto magico ou não. A magia não se manifesta pelo fato de existirem fadinhas em um conto, mas na ação e no comportamento que estas fadas realizam diante das situações a que são apresentadas nas rotinas expostas na narração.

Segundo Betterlheim (2007), mesmo que um conto esteja repleto de imaginação ou irracionalidade, onde o maravilhoso é a resposta para todos os problemas encontrados, pode existir um disfarce nos sentimentos das crianças por meio da magia, como a raiva em ser abandonado pelos pais, causando um importante impacto na persistência em acreditar na felicidade, mesmo que pareça difícil a princípio. É justamente a psicologia que estuda os processos que compõe a psique inconsciente, os conceitos reprimidos pelos sujeitos e os desejos que o indivíduo não consegue revelar, estudando as possíveis causas da angústia humana.

Neste contexto, os contos de fadas auxiliam as crianças na interpretação de situações e na capacidade fantasiosa. A parte emocional da criança é desenvolvida mais facilmente de modo que ela entenda a realidade que está inserida e perceba que seus conflitos podem ser resolvidos, associando o final feliz dos contos ao seu próprio final feliz (OLIVEIRA, 2010).

As emoções presentes nos contos de fadas surgem a partir de representações psíquicas que revelam os dramas humanos em uma linguagem lírica transformando os desejos pessoais em aceitáveis à consciência humana, simbolizando fantasias universais (PAIVA, 2008).

O ensinamento que os contos de fadas proporcionam às crianças é de extrema importância para que os conflitos internos sejam resolvidos a partir dos auxílios externos de suas experiências. Problemas como mau relacionamento entre pais e filhos, escolhas erradas de caminhos diversos, enfermidades, angústias e sentimentos ruins aparecem nos contos e as crianças percebem que as alegrias, insistências, determinação, vontade de mudar podem acontecer pelo sentimento ou pensamento do sujeito, tudo dependendo da maturidade e do nível das preocupações internas que cercam a vida da criança (LIMA E ROSA, 2012).

As fadas simbolizam sentimentos de felicidade e amor, espalhados por onde passam. São seres místicos e misteriosos que enriquecem o ambiente com seu amor, encantando as crianças com suas luzes, além de continuarem presentes na vida adulta quando existe paixão. As fadas são detentoras de objetos mágicos que emitem a eles o poder de interferir na realidade de seres humanos e seres encantados, desde que o indivíduo tenha um bom coração e vontade de fazer o bem (BETTERLHEIM, 2007).

As fadas surgiram nos contos para simbolizar a meiguice, beleza e amor, mas não se sabe ao certo em que momento elas passaram a fazer parte das histórias ou qual

país foi o responsável por esta introdução. O primeiro autor quem mencionou as fadas foi Pompônio Mela no século I (depois de Cristo), citando as fadas como fêmeas dos elfos, com asas de libélulas e varinha de condão para realizar seus feitiços e encantamentos (OLIVEIRA, 2010).

Em alguns contos, as fadas são retratadas como mulheres humanas, que vivem na natureza e apresentam dons para o místico e o saber, induzindo o pensamento humano sobre si mesmo ao mais profundo tipo de conhecimento possível. Outros contos representam as fadas em formato minúsculo e uma terceira definição de fadas trata como um ser parcialmente material e parcialmente espiritual, que apresentam poderes em sua essência de transformar o que estiver à volta, de acordo com suas vontades, alterando a própria aparência conforme as necessidades, podendo ser invisíveis ou não (FRITZEN E CABRAL, 2007).

Sendo assim, os contos de fadas são maravilhosos e mágicos devidos, principalmente, à presença das fadas, despertando a curiosidade pela riqueza do conteúdo narrado, revelando sentimentos e situações humanas de uma maneira fantasiosa que leva à reflexão, pois em alguns momentos os homens encontram problemas que não sabem resolver e, mediante as histórias dos contos, fica mais fácil descobrir soluções para tais situações.

Os contos de fadas são antigos e eram contados oralmente nas comunidades onde a alfabetização era precária ou nula. Após o surgimento dos espaços educacionais e das escolas, o perfil das famílias mudou e o contar histórias correu o risco de desaparecer, mas muitos escritores ficaram preocupados com esta situação, promovendo coletâneas com histórias contadas oralmente pelos povos e registradas em papel, de modo a preservar a cultura e dar continuidade aos contos maravilhosos. Houve muitas modificações nas histórias narradas, mas o objetivo permaneceu o mesmo: distrair, encantar e até assustar as crianças do mundo inteiro (BETTERLHEIM, 2007).

Atualmente, muitas são as maneiras da criança conhecer os contos de fadas, iniciando nas famílias com costume de contar histórias para as crianças dormirem, seguindo para a leitura nas escolas, ou mesmo os contos que são adaptados no formato de cinema, permitindo à criança não alfabetizada um livre acesso aos contos quando desejarem, sem precisar depender da leitura de um adulto (LIMA E ROSA, 2012).

Sigmund Freud criou a teoria de que as pessoas ficam doentes conforme reprimem suas angústias e sentimentos. Durante suas consultas, o médico incentivava seus pacientes a dizerem o que viesse a cabeça, desvendando os sentimentos que estavam reprimidos, curando muitas doenças mentais. Freud estudou o desenvolvimento dos adultos ao ouvir relatos sobre suas experiências infantis, desvendando mistérios sobre enfermidades incuráveis (PAIVA, 2008).

Bettelheim (2007) afirma que a agressividade e o descontentamento que as crianças apresentam com seus irmãos, mães e pais são observados em diversos contos, relacionando as necessidades humanas à fantasia dos contos, como no caso do medo e da rejeição, trabalhos em João e Maria; a rivalidade entre irmãos na Cinderela; a separação entre as crianças e os pais em Rapunzel e O Patinho Feio.

Cada conto de fadas proporciona a busca por novos caminhos e articulações da vida cotidiana, trazendo significado às histórias de acordo com a necessidade do leitor. A literatura infantil fantasiosa disfarça a realidade social, cultural e política da humanidade pelos personagens e do enredo, além de abordar instâncias psíquicas e questões de convivência da relação mãe-criança (PEREIRA E HILA, 2007).

Entre os principais elementos que compõe as histórias, as fadas simbolizam o nascimento ao participarem de conselhos familiares, além de serem representadas como madrinhas, referenciando-as como seres que protegem as crianças de qualquer situação ruim, tirando o perigo do caminho dos sujeitos. Quando as fadas são más, sua imagem é oposta a iniciação, traduzindo-as como seres que acabam sendo derrotadas no final, mas em sua versão benéfica, as fadas são o anjo da guarda da criança (BETTELHEIM, 2007).

Quanto à simbologia dos ogros e gigantes, são seres que representam a luta imaginária do homem contra as obscuridades, as forças malignas e irracionais, buscando uma paz absoluta, apesar de suas diferenças com a humanidade. Seu objetivo é utilizar a força como proteção e não para o mal. Já os espelhos mágicos, presentes em contos como “A Branca de Neve e os Sete Anões” e “A Bela e a Fera”, permitem uma reflexão sobre a verdade, seja com valores bons ou ruins, demonstrando os desejos mais íntimos do coração humano (PEREIRA E HILA, 2007).

Os heróis dos contos de fadas são personagens que lutam pela satisfação pessoal, alcançando sua dignidade após enfrentar a iniciação, referentes ao encontro do homem com o amor. A simbologia dos heróis significa a passagem do homem pela imaturidade, refletindo como a maturidade é conquistada após o enfrentamento das adversidades. A sexualidade representa este processo de transição entre imaturidade e maturidade humana, representada pelo “prêmio” de conquistar o coração da donzela da história (PERROW, 2010).

As representações das histórias de contos de fadas podem ser encontradas em

filmes e novelas quando abordam a partida do indivíduo em busca da identidade e desenvolvimento pessoal, exigindo um breve desligamento familiar. Ao retornarem, os sujeitos aparecem mais amadurecidos e, geralmente, conquistam posições sociais melhores e uma família bem estruturada, finalizando com um propósito de felicidade aos personagens que sofreram durante a trama, castigando os maus sujeitos com finais penosos ou constrangedores (PEREIRA E HILA, 2007).

As fantasias dos adultos são transferidas para os personagens televisionados na tentativa de encontrar respostas para conflitos cotidianos, simbolizadas em novela acompanhadas diariamente; as pessoas demonstram seus sentimentos reprimidos ao chorar com a moça que perde seu filho, quando alguém morre por um acidente ou doença terminal, ou quando algum personagem alcança um objetivo (BETTERLHEIM, 2007).

Quando a novela acaba, o homem retorna a sua realidade pessoal, aliviado com a notícia de que o bem venceu o mal, criando expectativas e esperanças internas de que, assim como na novela, seu problema também terá uma solução, pois sias escolhas não prejudicaram ninguém. Esta mensagem transferida pelos contos de fadas é o que movimenta e impulsiona a vida humana (PEREIRA E HILA, 2007).

A principal simbologia dos contos de fadas é, justamente, as expectativas com a realidade interna do indivíduo que busca, incessantemente, uma solução para as dificuldades externas, desenvolvidas após um sentimento de angústia que aspira por soluções viáveis à sua necessidade atual (PERROW, 2010).

Bettelheim (2007) afirma que os contos de fadas refletem o reconhecimento do homem e seus problemas, propondo soluções que só podem ser elaboradas na imaginação. Os significados simbólicos estão ligados à dilemas enfrentados ao longo da vida humana, exigindo uma necessidade de defender suas vontades e independência desde criança, encontrando nas histórias maravilhosas, categorias que, relacionadas à realidade, simbolizam a expectativa de eliminar os problemas e as dificuldades do cotidiano humano.

A moral desejada nos contos de fadas é aquela em que o bem recebe uma espécie de recompensa, alcançando o domínio do objeto almejado. Além disso, a punição do mal representa uma conquista social ao demonstrar que, agindo de modo a prejudicar outros sujeitos, o indivíduo sofrerá até que aprenda a conviver em comunidade (FERREIRA, 2007).

A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS PARA EDUCAÇÃO

Apesar dos contos de fadas não terem sido criados com o propósito de agradar as crianças, eles são uma representação milenar da cultura dos povos antigos. Muitos autores interviram no contexto das histórias ao longo dos anos, modificando-as de modo a contemplar as necessidades de aprendizagem das crianças, principalmente na Educação Infantil. Este processo é possível, pois o interior dos contos de fadas valoriza acontecimentos reais da vida humana; sua mensagem, ao longo da história representa um caráter místico capaz de transformar a linguagem fantasiosa em linguagem social, cultural e política (MATOS E SORSY, 2008).

Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), as crianças desenvolvem sua identidade e autonomia quando se relacionam intimamente aos processos de socialização no meio que estão inseridas. Esta interação social ocorre devido à ampliação dos laços afetivos que as crianças estabelecem com os adultos, auxiliando no reconhecimento das diferenças entre as pessoas, as classes e as condições de vida, incentivando a valorização do aproveitamento de sua realidade por meio do enriquecimento de seus conhecimentos culturais, políticos e sociais (COSTA, 2013).

Sendo assim, os contos de fadas proporcionam a identificação de respostas para as ansiedades infantis dentro das diversidades encontradas no mundo, permitindo que haja subsídios capazes de sustentar uma vida adulta de determinação e envolvimento com a realidade.

Quando este período de fantasia é interrompido, porém, a construção da personalidade infantil acaba encerrada, deixando de lado o fornecimento de situações que incentivam a busca por melhoras, levando à criança apenas ao refúgio dos problemas. Os contos de fadas iniciam na vida infantil um processo de autoconhecimento para identificar as possibilidades de cada sujeito em superar as dificuldades que surgirão, eventualmente, na vida adulta (MACIEL, 2010).

Quando a criança é convidada a viver a oportunidade de lidar com as diferentes realidades por meio da leitura de contos de fadas, proporcionadas pelas famílias e pelos professores, a ampliação do conhecimento sobre as necessidades de superar obstáculos reais surge, estimulando a criatividade, além de favorecer o gosto pela leitura desde muito cedo, afinal, a literatura é uma maneira de deixar a mente sempre pronta para trabalhar nas situações adversas, encontradas no cotidiano (BEZERRA, 2008).

Os contos de fadas são uma importante ferramenta para o processo de ensino-aprendizagem, pois permitem a construção da identidade infantil e o desenvolvimento

de habilidades sociais, culturais e comportamentais. Como a literatura é a maneira mais fácil de estimular a consciência crítica do leitor, a intenção abordada quanto aos aspectos psicológicos para as crianças torna as possibilidades de amadurecimento e aprendizagem mais próximos da realidade (COSTA, 2013).

O adulto leitor precisa ter consciência que sua atitude influencia no significado da leitura para as crianças. Quando a criança ouve uma história, elá é convidada a participar da narrativa e compartilhar com o leitor as sensações do personagem, possibilitando uma identificação de suas reais sensações e aflições. A leitura é o momento ideal de organizár os pensamentos da criança, ampliando seu repertório de conhecimentos (MATOS E SORSY, 2008).

Portanto, existem muitas lacunas no ensino-aprendizagem, principalmente no que se refere à educação infantil, referente ao descarte da leitura dos contos de fadas. Todos os segmentos sociais sugeridos às pessoas (família, escola, igreja, trabalho) aborda a necessidade da formação de um cidadão crítico e participativo, possíveis com o redimensionamento dos conhecimentos aplicados, principalmente nas salas de aula, momento das descobertas sobre a realidade para colaborar com a elaboração de uma sociedade menos individualista e conflitante aceca das possíveis melhoras (PEREIRA E HILA, 2007).

Os contos de fadas são, em sua grande maioria, o primeiro contato das crianças com a leitura, seja pelo incentivo dos pais, seja na leitura oral realizada pelos professores nas escolas. Os textos literários atingem o público infantil devido a valorização dada pela mídia na produção de filmes, desenhos sobre reinos mágicos, histórias em quadrinhos, entre outros (COSTA, 2013).

A estrutura e o conteúdo dos contos de fadas provocam um envolvimento significativo ao leitor infantil, assim como a identificação com os personagens e tramas da história. Esse processo de identificação acontece por meio dos contos de fadas, que proporcionam à criança caminhos de atribuição de significado para sua própria realidade (FRITZEN E CABRAL, 2007).

Os contos de fadas abordam temas como pressões interiores que o sujeito deve driblar, relacionando a leitura de maneira inconsciente, de modo a compreender a forma como as lutas íntimas podem ser superadas a partir da interpretação das histórias fantasiosas, oferecendo um crescimento pessoal a partir de exemplos que envolvem uma situação de alívio temporário ou permanente, de acordo com a dificuldade encontrada. Este processo reafirma a preferência por determinado gênero literário. A criança acaba se identificando com certos personagens, mais do que com outros, devido à exposição dos sentimentos de angústias enfrentadas por eles, reconhecidos na vivência real humana. Toda a carga de sentimentos presente nos contos propicia à criança um envolvimento cada vez maior com o texto (BETTELHEIM, 2007).

Desde o princípio, o contato com os contos de fadas deve ser prazeroso, despertando na criança o desejo de experimentar os prazeres pessoais na leitura que, progressivamente, permite uma condução dos desejos e curiosidades em conhecer novos contos fictícios por meio de outros gêneros, fortalecendo o processo de formação do leitor literário. Sendo assim, é possível identificar a importância dos contos de fadas para as crianças, durante sua vida de leitores iniciantes (PAIVA, 2008).

Dentro da escola, os contos de fadas devem assumir um papel de formação leitora na proporção literária, independente do gênero. Inicialmente, os textos de ficção propostos à Educação Infantil auxiliam na continuidade do interesse pela leitura e produções textuais. Alguns autores, porém, apontam a necessidade de rever as práticas educativas dos professores de modo a atingir com êxito esta formação leitora (MATOS E SORSY, 2008).

O processo de leitura deve ser cuidadosamente despertado nas crianças de modo que ocorra desde muito cedo, exigindo que o leitor encare a literatura como uma arte fundamental para seu desenvolvimento.

Neste contexto, o leitor infantil interessado tem possibilidades maiores de tornar-se um adulto leitor, com habilidades críticas e uma criatividade mais perceptível do que um sujeito que não lê. O pensamento fica mais rápido para desvendar soluções às situações-problemas do cotidiano, permitindo que a leitura do mundo preceda a leitura das palavras, adquirindo um ato contínuo de interesse por variados gêneros literário (COSTA, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste trabalho foi possível compreender a necessidade de atrelar as teorias à prática de ensino em sala de aula. A ausência de conhecimentos teóricos pode inferir de forma negativa no desenvolvimento das atividades pedagógicas, interrompendo o interesse das crianças por aprender a leitura e escrita de maneira prazerosa, que proporcione ferramentas essenciais para sua formação.

Segundo as referências estudadas, verifica-se que os contos de fadas são, enquanto literatura, o gênero mais conhecido pelo público infantil devido, principalmente, a intensa circulação nas mídias em filmes,

contos, áudios, vídeos e maneiras acessíveis às crianças, jovens e adultos, despertando a autonomia para praticar a leitura ou escutar uma história em qualquer lugar, sem depender de outra pessoa par realizar a narração dos contos.

Devido à estrutura e o conteúdo dos contos de fadas, percebe-se que os contos provocam um significativo envolvimento do leitor infantil, assim como uma maior identificação com personagens e enredos, motivando a repetição da leitura literária. No contexto da escola, o professor deve realizar a mediação na relação entre a criança e a leitura dos contos de fadas, favorecendo o prazer e fortalecendo o processo de formação do sujeito leitor.

Despertar na criança o desejo por novas leituras é algo que deve ser feito de maneira consciente e planejada, por isso, o professor deve sempre procurar selecionar livros que atendam às exigências de caráter literário, além de proporcionar um ambiente propício para narrar as leituras das histórias, conhecendo previamente o que vai contar para que a criança perceba as entonações nos momentos exatos, despertando interesse e curiosidade pela história.

A escola pode se tornar um ambiente propício para realizar o ato da leitura em atividades prazerosas, sem utilizar a literatura como pretexto para trabalhar outras questões que não seja a leitura em si. Os contos de fadas podem ser o primeiro contato das crianças com a magia de uma boa leitura, e por isso, não devem ser menosprezados ou trabalhados de qualquer maneira, como se a sua leitura não tivesse relevância nenhuma para a formação de leitores.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, B. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2007.

COSTA, M. M. Metodologia do ensino da literatura infantil. Curitiba: 1ª ed. Intersaberes, 2013.

BEZERRA, R. L. Do conflito do leito à mediação do professor: o ensino através da ficção dos contos de fadas. (Tese de Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2008.

FERREIRA, A. Contar histórias com arte e ensinar brincando: para a educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

FRITZEN, C.; CABRAL, G. Infância: Imaginação e Infância em debate. 1ª ed. Campinas: Papirus, 2007.

LIMA, R.; ROSA, L. O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. CIPPUS - Revista de Iniciação Científica do Unilasalle, v. 1, n. 1, maio, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/publicacoes.pdf>. Acesso em 18/08/2020.

MACIEL, R. C. O espaço da literatura na sala de aula. Brasília: Ministério da Educação. Brasília, 2010. (Coleção explorando o ensino; v. 20). Disponível em:<http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/2011_literatura_infantil_capa.pdf>. Acesso em: 11/04/2023.

MATOS, G. A; SORSY, I. O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

OLIVEIRA, Z. M. Educação Infantil fundamentos e métodos. São Paulo: 5ª ed. Cortez, 2010.

PAIVA, A. M. Literatura e leitura literária na formação escolar: caderno do professor. 15ª ed. Belo Horizonte: Ceale, 2008.

PEREIRA, S. C. B; HILA, C. Novos olhares para o gênero fábula: uma proposta de sequência didática para as quintas séries. UNOESTE, 2007. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos.pdf>. Acesso em: 11/04/2023.

PERROW, S. Histórias curativas para comportamentos desafiadores. Tradução de Joana Maura Falavina. 1ª ed. Antroposófica: Federação da Escolas Waldorf no Brasil. 2010.

RODRIGUES, E. T. Cultura, arte e contação de histórias. Goiânia, 2009.

SOUZA, R. J. Caminhos para a formação do leitor. São Paulo: 11ª ed. Difusão Cultural do Livro, 2014.